

A PESTE E O CÍCLICO RETORNO DO CAOS

Roberth De-Carvalho

Instituto Federal de Santa Catarina - Câmpus Florianópolis

Departamento de Infraestrutura

CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2613387599420573>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6712-1630>

E-mail: orientador.roberth@gmail.com

Washington Ferreira

Universidade Federal do Rio Grande

Instituto de Oceanografia - Laboratório de Gerenciamento Costeiro Integrado

CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1038039206244352>

ORCID: <http://orcid.org/0000-0003-3377-024X>

E-mail: chingksw@gmail.com

Artigo Original

Recebido em: 04 de Janeiro de 2022

Aceito em: 20 de Abril de 2022

RESUMO

Pestes são intercorrências sanitárias, geradoras de desequilíbrio socioambiental e, em cada tempo e espaço, podem ser entendidas por discursos ideopolíticos e científicos que as mitigam, ou que as mantêm em curso. Causadoras de mortes, sequelas, caos, colapsos institucionais, seus importantes agentes etiológicos podem ciclar, promovendo epidemias, endemias e pandemias, em meios socioculturais e econômicos adversos, mas que certamente afligirão aqueles, historicamente, mais frágeis da periferia Sul global. Para tanto, por fragmentos de textos que as retratam, desde a Idade Média até a presente Idade Mídia, procedemos à análise de discurso, para compreender as condições de produção, entre fatos científicos e acontecimento no discurso, implicadas sobre as populações mais vulneráveis, em ambas as temporalidades. Os resultados revelam importantes elementos para repensarmos a necessidade de retrabalho da Educação em Ciências na escola básica.

Palavras-chave: Peste. Acontecimento discursivo. Idade Média. Idade Mídia.

THE PEST AND THE RETURN CYCLICAL FROM CHAOS

ABSTRACT

Pests are health complications that generate socio-environmental imbalance, and in each time and space they can be understood by ideopolitical and scientific discourses that mitigate them, or that keep them going. Causing deaths, sequelae, chaos, institutional meltdowns, their important etiological agents can cycle, promoting epidemics, endemics and pandemics, in adverse socio-cultural and economic environments, but which will

certainly afflict those, historically, the most fragile of the global Southern periphery. To this end, through fragments of texts that portray them from the Middle Ages to the present Media Age, we proceed to discourse analysis, to understand the conditions of production between scientific facts and event in discourse, implicated on the most vulnerable populations, in both temporalities. The results reveal important elements for us to rethink the need for a rework of Science Education in the basic school.

Keywords: Pest. Discursive event. Middle Ages. Media Age.

INTRODUÇÃO

Como um exercício criativo/reflexivo sobre o atual contexto pandêmico, este ensaio propõe-se desenvolver uma releitura de discursos relativos a episódios, registrados historicamente, e imaginários sociais, associados a eventos infecciosos massivos, rotulados como a *Peste* (muitos dos quais foram, posteriormente, reconhecidos por distintos cenários sanitários e microrganismos causadores), envolvendo surtos endêmicos, epidêmicos e pandêmicos.

Discutimos suas imbricações sociopolíticas e potenciais repercussões na formação e atuação de estudantes, professoras/es e pesquisadoras/es no tempo presente, por estarmos sobrevivendo, e imersos, em um cenário brasileiro que tem refluído à tragédia sanitária, e que assume contornos de subversão política e democrática. Cenário ilustrado por nefastos e desumanos atos contra populações quilombolas, indígenas, periféricas, quando pensadas em um viés de pandemia, que tem negligenciado socioculturas originárias e ancestrais, e aprofundado desigualdades étnico-raciais históricas. E, que, além de tudo, blinda-se, por novas tecnologias na racialização do acesso a direitos (que carecem ser facilitados pelo Estado), desagregando, digitalmente, todas/os as/os que vivem em áreas remotas, bem como ressignifica a ‘mais-valia ideológica’ (SILVA, 2017) de classes opressoras no Sul global.

Em cada tempo e espaço no qual se abriga um certo fenômeno social, há tendências nos protagonismos/subjetividades, que vêm atestar como ciclam pensamentos e linguagens em torno do caos. Valem-se da *peste*, como agente catalisador, tanto podendo validá-la como fato cientificamente comprovado, quanto promoverem divagações conspiratórias, apocalípticas ou fantasiosas. Essa rede de conexões está subsumida no que entendemos por ‘ideologia’ (ORLANDI, 2015, 2017), a forma-conteúdo como nos alcança, inconscientemente, o imaginário tecnocientífico. “O

ideológico, enquanto ‘representação’ imaginária, está necessariamente subordinado às forças materiais ‘que dirigem os homens’ (as ideologias práticas, segundo a terminologia de Althusser) [...]” (PÊCHEUX, 2014, p. 70).

Nesse sentido, compreendemos, como pesquisadores em educação em ciências - e analistas desses discursos – que a ciência é desafiada em sua caminhada histórica, travando um duelo entre missionários (na política de conversão colonial, que interdito politeísmos) e Orixás (deuses da mitologia africana que viviam pacificamente entre nós). Ou seja, o Orixá¹ que representa a ciência precisa, em alguns eventos, driblar-se da posição de fato, para transformar-se em acontecimento.

Com essa perspectiva, os fragmentos discursivos selecionados nos revelam como circulou a *peste*, na transição histórica, e como esses discursos foram e vêm se constituindo como acontecimentos, proporcionando chaves de acesso à Ciência e à Educação em Ciências. Assim, perguntamos: Como os discursos sobre a *peste* vêm produzindo sentidos para a Educação em Ciências, entre o espaço-tempo medieval e o atual midiático? Para isso, seccionamos o texto nas seguintes etapas: em procedimentos metodológicos, que entendemos sustentar caminhos para alcançar algumas respostas; a parte analítica, propriamente dita, dos discursos selecionados, com suas respectivas e devidas discussões; e, por fim, nossas considerações gerais, sobre o todo analisado.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para melhor circunscrever o tema da *peste* deste ensaio, optamos por concentrar o foco de análise e discussão sobre dois contextos temporais distintos: a ***Idade Média*** (em função da grande profusão de eventos, face à inclemência e longa duração destes episódios); e, a contemporânea ***Idade Mídia***² (pelas implicações do atual surto pandêmico no cotidiano da população global).

¹Importante referência encontramos na pesquisa de Meira (2016), ao nos mostrar o processo de simetriação e posicionamento etnográfico, em sua pesquisa em candomblé(s), para legitimar o potencial desestabilizador desse sistema de conhecimento nativo em interlocução com as ciências.

²Parafrazeamos o título de um livro do administrador, publicitário e CEO brasileiro Walter Longo (ex-presidente do grupo Abril), intitulado: *O fim da Idade Média e o início da Idade Mídia*, lançado em 2019, pela Editora Alta Books. É voltado a profissionais das áreas de gestão, marketing e comunicação. O mesmo proferiu, no mesmo ano, uma palestra de lançamento do referido livro, com o objetivo de abordar “como a tecnologia e a inovação estimulam a meritocracia e a valorização do indivíduo nas empresas e na sociedade”, com título: *Idade Média e Idade Mídia*, disponível em seu canal do YouTube, em: https://www.youtube.com/watch?v=hcMShOS3_zE. Acesso em: 04/maio/2021.

Ambas as marcações, embora em temporalidades remotas, experimentam uma potente diacronia relativa ao comportamento de sociedades, fundadas sobre rigores de classe, raça, capital, gênero, escola e trabalho. Ou seja, cumprem, em termos de ‘condições de produção’ de discurso, importantes intersecções, que podem nos revelar caminhos, sobre formas e conteúdos, para lidarmos com o conhecimento científico e tecnológico.

Atentos a nossa filiação discursiva, papel central no processo desta análise, elaboramos, para dispositivo analítico (ORLANDI, 2015): como os sentidos da *peste* (con)formaram condições de produção do *Outro*, entre o espaço-tempo medieval e o atual midiático (séc. XXI)? Isso, para entendermos a importância da educação científica e tecnológica, nessa ‘formação discursiva’ (ORLANDI, 2017), a partir de ‘memórias’. Por esse efeito de sentidos – que é ideológico –, privilegiamos fatos científicos (ROSA; ALVES-BRITO; PINHEIRO, 2020), convertidos em acontecimento no discurso. Nas fontes utilizadas, encontram-se referências científicas, literárias e jornalísticas, nas quais buscamos melhor contextualizar os cenários descritos e as respectivas percepções sociais; tais fontes remetem à edição original da obra citada, seguindo-se à indicação das versões atuais, e aos intervalos das páginas transcritas. Para chamar a atenção dos leitores sobre o significado atribuído ao tema em análise, em tais fragmentos transcritos, foram, por nós, grifadas (**em negrito**) nas citações diretas, aquelas referentes às diferentes enfermidades.

Nossa análise se deu sobre o jogo retórico que constituiu, no espaço-tempo, um *fato* ou um *acontecimento* (ORLANDI, 2017); por tais condicionantes, seguimos alguns referentes da autora: “Fato social (E. Durkheim, 2002), acontecimento na história (P. Veyne, 1982). E, claro, acontecimento no discurso (M. Pêcheux, 1990)”. (ORLANDI, 2017, p. 101-102).

Conforme enunciado, pela referida pesquisadora linguista, o cientista francês Émile Durkheim (1858-1917), ao tratar a questão do método e do objeto, defende que o campo de conhecimento da Sociologia deveria estar restrito a “ ‘fatos sociais’, que consistiriam em *maneiras de agir, de pensar e de sentir exteriores ao indivíduo, dotadas de um poder de coerção sobre este mesmo indivíduo*, devendo ser vistos como se fossem ‘coisas’ ” (ORLANDI, *ibid.*, p. 102). Disso, entendemos o ato de naturalizar a objetificação/coisificação do *Outro*, pois imerso no fato, Ele é constitutivo do fato, ao tempo em que se constitui (individua-se). Depreendemos, assim, um fazer-ser que

atravessa processos de pesquisa científica ocidental: a outrificação. E, por tal pensamento, o fato social recairia ativamente sobre o *Outro* (passivo), relativamente a sociedades ou a territórios, a exemplo de eventos pandêmicos (pestilências mundiais/globais), epidêmicos (pestilências regionais/territoriais), ou endêmicos (locais), ensejando uma análise sociológica que segrega entes, como natureza e cultura.

Eis, aqui, nossa fuga, ao buscarmos compreendê-los, como *fato sociocultural*, a partir da ‘linguagem de classe’ (FREIRE; GUIMARÃES, 2011) de sujeitas/os, em estado de opressão. Aqueles/as que têm resistido, secularmente, a guerras, genocídios, políticas de embranquecimento, glotocídios, epistemicídios, intolerâncias, e reiterados racismos. Com isso, ‘fatos de linguagem’, ou seja, “considerá-los em sua historicidade, em que entram sua sistematicidade, mas também seu modo de funcionamento, e a memória constitutiva”. (ORLANDI, 2017, p. 102). De outro modo, mobilizamos gestos de análise, para o acontecimento no discurso, “portanto aberto a deslizamentos de sentidos, a equívocos e a novos processos de significação”. Aqui, mobiliza-se “o trabalho da ideologia face aos processos de identificação (e modos de individuação dos sujeitos)”. (ibidem)

Nessa dialogicidade, ressaltamos que as percepções, leituras, análises ideopolíticas e socioculturais (que se dão sobre os *dispositivos teóricos*, que selecionamos) são atravessadas por nossas próprias histórias, às quais nos assujeitamos e nos individualizamos (ORLANDI, *ibid.*). Assim, sendo: homens, latino-americanos, professores-pesquisadores, moradores da periferia Sul global, anti-capitalistas, e, em busca de justiça étnico-racial, socioambiental e cognitiva. E, em estado de torpor ante visões ideopolíticas de mais-valia, sob qualquer circunstância³, em detrimento do óbito de trabalhadoras/es do massivo mercado global de serviços.

³Referimo-nos à campanha midiática, intitulada: *#OBrasilNãoPodeParar* (ver: <https://www.youtube.com/watch?v=hQQZE7LQIGk>. Acesso em: 05/maio/2021), veiculada em várias plataformas da internet e em tv aberta, em que o atual governo brasileiro, sustentando-se na economia de e para trabalhadoras/es, relativiza medidas de isolamento social e distanciamento, orientadas pela Organização Mundial de Saúde (OMS). Embora, a Secretaria Especial de Comunicação Social da Presidência da República (SECOM), no portal oficial do governo federal, a tenha negado (em 28 mar. 2020). Disponível em: https://www.gov.br/planalto/pt-br/acompanhe-o-planalto/notas-oficiais/2020/copy_of_nota-a-imprensa-5. Acesso em: 05/maio/2021.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A peste na Idade Média

A simples referência ao período histórico ocidental, denominado como *Idade Média*, por situar-se entre o período grego clássico (entre os séculos V e IV, antes do presente) e o Renascimento (em meados do séc. XIV, seguindo até o fim do XVI, da era atual), tende a remeter-nos para uma forma de ser/estar em um mundo caótico, de trevas, violento e opressor, de base político-religiosa. Essa é a Europa Medieval, na qual predominavam precárias condições de higiene (sem hábito de lavações, assepsias, ou mesmo, por precários sistemas de abastecimento de água potável para o povo), com muitos vilarejos e cidades infectas, de ruas estreitas, mal ventiladas, lixo e dejetos humanos e animais, descartados aleatoriamente. Eis o Velho Mundo, berço do cristianismo, do patriarcado, do capitalismo, da racialização, mote da divisão de populações mundiais (QUIJANO, 2000).

Apesar de possíveis exageros, nas descrições sobre cenários e condições de vida, predominantes nesse período histórico, recorrentes argumentos de historiadores, antropólogos e cientistas sociais têm traçado sua reconstrução fidedigna. O que pode, também, consistir em uma ‘visão de mundo’ cartesiana, positivista, heteronormatizada, brancocêntrica, da atual ‘civilização ocidental’. Implicando, assim, sentidos dominantes sobre o que é ciência e o que é tecnologia.

Progresso, desenvolvimento e conversão do *Outro* emergem desse caos, como conceitos-base para justificar jornadas além-mar, em busca de ‘recursos naturais’ (humanos e não-humanos), que pudessem dar conta de tantos óbitos. Pela via marítima transatlântica, disseminavam *pestes* para as Américas, desde o séc. XV. Mas, também, atestaram que povos indígenas mantinham suas populações com hábitos ainda não conhecidos: imersões periódicas em rios; uso de plantas e infusões (para fins medicinais); rituais para caça e pesca, em respeito à natureza; culto ancestral, para conexão permanente com sua origem.

Assim, muitas das fontes remetem a um conjunto de diversos surtos epidêmicos/pandêmicos de algumas enfermidades, atingindo grande número de cidades,

países, continentes, por vezes, com continuidade muito longa desses eventos e/ou sua reincidência.

Para imergir, mesmo que superficialmente, nos dramas sociais decorrentes dessas enfermidades, na Espanha medieval, os relatos de um erudito árabe nos esclarecem:

[...] Abd al-Rahman ibn Khaldun (1332-1406) pertencia a uma **família que partira do sul da Arábia para a Espanha**, depois de ser esta conquistada pelos árabes, e **instalara-se em Sevilha** (...). Em sua autobiografia, ele...dá detalhes da personalidade e da vida de **seus professores**, e diz-nos que **a maioria, assim como seus pais, morreu na Peste Negra**, a grande peste que varreu o mundo **em meados do século XIV**. (HOURANI, 2006, p. 15-16).

Importante situarmos que Khaldun, certamente, provinha de uma família rica e nobre (associado à membresia de alguma tribo privilegiada), herdeira da “Idade de Ouro Islâmica” – abusivamente, conhecida como *Renascimento Islâmico* (dado o espaço e o tempo de sociedades mulçumanas não corresponder a qualquer tradução ocidental – cf. BISSIO, 2007), período que se iniciou no século VIII, indo até o séc. XV. Mesmo assim, o lócus de privilégio, pela oportunidade de terem ‘professores’, marca, em quaisquer sociedades, um lugar/posição de nobreza masculina, de privilégio de poder de classe. Assim como, ter a opção de deslocar-se de um continente a outro, o que requeria recursos materiais (embarcações) e tripulação hábil, para navegar do Oriente em suas conquistas pelo Ocidente.

“As ciências e as artes, produto de seu pensamento [...]” (IBN JALDUN, 1987, p. 149 apud BISSIO, *ibid.*, p. 2), compreendem o trabalho e a luta pela sobrevivência, em meio à colonização de outras geografias. Embora a posição da mulher esteja ausente nesse processo, a condição de gênero (sentidos sobre masculino e feminino, no Oriente), naquele período, fosse objeto de estudo. Ou, como meras reprodutoras, para sheikes e califas, ou para comporem seus harems. Em que, também, se incluem escravizadas, como espólio de invasões/guerras.

Mas, a grande *peste* que varreu o mundo (quase $\frac{1}{3}$ de pessoas mortas) refere-se à Europa feudal e suas colônias, estas que teriam servido de abrigo a nobres, que dela fugiam, bem como buscavam terras produtivas e força de trabalho, esta para economia escravagista (como o fizeram com indígenas e negros/as africanos/as, estes pelo tráfico Atlântico).

Na recriação literária de um (fictício) diálogo, do almirante Cristóvão Colombo com outro mareante, durante sua insana busca pelo *Caminho das Índias*, o autor reprisa episódios reais e lendários, longínquos e contemporâneos, que se associam ao recorrente tema da *peste*:

[...] o calor sufoca (...), **em Sevilha**, com este tempo, deve alcançar os 36° (...). É a época em que as antigas *Hespérides* faziam seu agosto. Já não existem os famosos jardins em que o rei Héspero cultivava suas maçãs de ouro (...). Às maçãs de ouro, seguiram-se os **leprosos**, como frutos de castigo, caídos das Escrituras. **Leprosos celtiberos peregrinavam para curar-se** nos fabulosos reinos do rei Héspero, milhares de anos antes que se abrisse nos campos do norte a estela do Apóstolo Santiago. Era preciso vê-los degolar as tartarugas gigantes, banhando-se na torrente de seu sangue. Milhares e milhares desses cágados antediluvianos dormitam entre os arrecifes ardentes, como se não tivessem outra coisa a fazer, senão esperar o **sacrifício purificador dos lázaros. Estes regressarão, curados**, portando grandes carapaças, como couraças e chapéus do melhor *carey* (*) do mundo. **Vi curas e até cônegos de Huelva, de Cádiz e de Córdoba**, levarem telhas imensas, fabricadas com este material, que refrata o sol sobre suas cabeças em auréolas irisadas. (BASTOS, 2003, p. 22).

[...] agora o Almirante vai em busca dos tesouros das Yndias (...). Se chegasse às Ilhas das Especiarias, daria por bem resolvida esta viagem inédita para o Oriente pelo Ocidente (...). Há também no Oriente o cipó, chamado *mal-homem*, de cujo cozimento se tira o remédio contra as *Saetas pallidas* da **sífilis**, da **AIDS**, esse flagelo verídico, trazido pelos Templários. (BASTOS, *ibid.*, p. 76).

A lepra, ou hanseníase (*peste* de origem bacteriana, pelo bacilo *Mycobacterium leprae*), fora identificada pelo cientista norueguês Gerhard Armauer Hansen, em 1873. Esta já acusava ocorrências há mais de 4.000 anos, entre as regiões da China, Egito e Índia, segundo a Sociedade Brasileira de Dermatologia (SBD). Sua melhor resposta imunológica surgiu em 1921, com a vacina BCG (bacilo de Calmette e Guérin), criada pelos imunologistas franceses Léon Calmette e Alphonse Guérin, originalmente, para proteção contra a meningite tuberculosa e a tuberculose miliar.

Na família de *pestes* que se disseminam pelo contato com fluidos sexuais, transfusões sanguíneas, sêmen ou por transmissão vertical (da mãe para o feto), destacam-se, por sua virulência, a sífilis e a AIDS (Síndrome da Imunodeficiência Adquirida), infecções sexualmente transmissíveis (IST). Ambas, com efeito de endemia, em certas regiões do mundo, desafiaram outro tabu cristão ocidental: a liberdade sexual.

Pestes que demarcam o acontecimento no discurso sobre ‘vidas mundanas’ de sujeitos/as (incluindo-se mulheres, trans e pessoas intersexuadas), desprovidos/as de poder, sendo estigmatizadas, ortodoxamente, promíscuas sexuais. Assim, o gênero sexual se torna um ente de culpabilização, a exemplo da AIDS, que alcançou o Brasil nos anos de 1980, e fora, pejorativamente, chamada de: *câncer gay*, *peste-gay* ou *doença dos 5H* (homossexuais, hemofílicos, haitianos, heroínômanos - usuários de droga injetável - e hookers - profissionais do sexo). E, seus doentes, de *leprosos dos anos (19)80*, acometidos por um *castigo de deus* (TAVARES, 2018).

A partir da licença poética, outro autor, ao descrever parte das desventuras de Dante, durante uma suposta viagem à Roma, como representante diplomático de sua Florença nativa, se depara com o flagelo humano da *peste*, que, então, grassa pela sede do papado:

[...] todo o espaço estava cheio de corpos, entre os quais se moviam, como sombras, os monges do Santo Espírito, aos quais fora confiada a administração do Hospital, depois que os donos primitivos, os Teutões imperiais, o haviam abandonado (...). “Quem são estes? ”, perguntou, apontando para um dos leitos, sobre o qual jaziam dois doentes (...). **‘São suspeitos de lepra’; são internados aqui, à espera de serem confinados além dos muros**”. Quando Dante já se afastava do leito, o homem articulou um grito; ‘Toscano! Pare, eu te reconheço!’ (...). Um gesto de horror o enregelou. **A doença havia carcomido quase completamente seus lábios, reduzindo a boca a uma obscura caverna irregular, da qual os fragmentos de alguns dentes ainda despontavam**, como vermes amarelados. Uma pálpebra inchada fechava completamente um dos olhos, mas no outro, arregalado pelo esforço de ver, ressaltava uma pupila, escura como ébano. (LEONI, 2009, p. 166 e 168-169).

Dante Alighieri (1265-1321), poeta, escritor e político italiano, confronta-se com a decrepitude dos efeitos da lepra. O hospital, sob cuidados da igreja de monges do Santo Espírito, pode ter-se valido das escrituras, para justificar tamanha condenação: fruto do pecado. Como também, poderiam ter consentido com pesquisas *in vivo*, pela classe médica, para proteger nobres na cura dos seus. Importantes interseções de convicção religiosa, literatura dantesca, política institucional e pesquisa científica da *peste*, para entendermos como a sociologia medieval gera um acontecimento no discurso. Ou seja, a *peste* parece saltar sobre nossa existência, em qualquer época. Ali, aquele homem de ‘*uma pupila, escura como ébano*’ se tornou apenas um número nas estatísticas de óbitos, ou um ser amórfico.

Uma irônica e inusitada abordagem da *peste* lança a hipótese da possível contaminação, não apenas por contato pessoal ou utensílios de doentes, mas também sobre outros materiais, aparentemente assépticos, como textos e discursos neles in(e)scritos, remetendo à (onipresente) paranoia e vigilância epidemiológica/epistemológica, em que:

... um documento prova o bom e o ruim, e exatamente o contrário. Com o mesmo documento, pode-se fabricar histórias diferentes e até opostas. Os **tradutores e copistas da Escola de Toledo**, com o exemplo de sua arte, demonstram isso. Esses amanuenses e tradutores acabarão encailhando por séculos num til, numa cedilha, numa vírgula, num hífen, que **podem ser contaminados pelo morbo encurvado do cólera asiático, latente nas letras infectadas**. É preciso andar com tento, quando o diabo tenta os escribas nas criptas escriturais. (BASTOS, 2003, p. 165).

Isso se explicita em um certo ‘domínio de pensamento’, cujos elementos cruzam-se a elementos de outros domínios (nos referimos a fatos científicos), constituindo um ‘conteúdo de pensamento’, “sob a forma do *discursivo*” (PÊCHEUX, 2014, p. 89, grifo do original). O discursivo, e no caso em particular, do texto, em sua natureza semântica instável, promove indefinidas interlocuções entre a arte de tradutores e copistas (à época) conosco, no tempo presente, imersos em outro ‘domínio de pensamento’: o Brasil atual reincidindo em interdições anti-democráticas.

Mesmo em alto mar (considerado o ambiente mais asséptico e seguro quanto às possibilidades de infecção, pela plêiade de microrganismos patogênicos), dentre os personagens da tripulação do baleeiro *Pequod* (no clássico *Moby Dick*), o segundo imediato *Stubb*, sempre que possível, deleita-se com o fumo de seus cachimbos. Sobre tal hábito, o autor esclarece:

[...] digo que esse contínuo fumar deve ter sido uma causa, pelo menos, de sua disposição específica, pois todos sabem que esta **atmosfera terrestre, quer em terra, quer no mar, acha-se terrivelmente infectada pelas obscuras misérias dos inúmeros mortais que faleceram exalando-a**, e assim como **no tempo de cólera**, algumas pessoas andam com um **lenço canforado na boca**, da mesma forma, contra todas as atribulações humanas, **a fumaça do tabaco** de *Stubb*

poderia ter agido como uma espécie de desinfetante. (MELVILLE, [1851]: 1994, p. 151)⁴.

O uso homeopático da cânfora destacara-se na prevenção da cólera, na segunda metade do século XIX; embora o uso de ervas medicinais provenha, destacadamente, de povos originários (indígenas, tribais), aos mesmos não se registra qualquer autoria quanto à empiria de: beberagens, infusões, extratos, macerações, cataplasmas, unguentos, chás terapêuticos/curativos, fumos, defumações. Inclusive, o uso de *Cannabis sativa* e de *Ayahuasca*⁵, em rituais de purificação. Recentes pesquisas com o tetra-hidrocanabinol (THC) e o CBD (canabidiol), pela Universidade de Lethbridge, no Canadá, têm mostrado importantes resultados na função de inibidores/bloqueadores enzimáticos de receptores do vírus Sars-CoV-2 (agente etiológico da Covid-19)⁶.

Em outra etapa da reconstituição da viagem de Dante a Roma, em Outubro de 1301, o poeta trava um diálogo com um decurião dos *Capuzes Vermelhos* (uma das diversas milícias da cidade), sobre os recentes casos de garotas assassinadas na cidade:

... os subterrâneos do Santo Espírito estão repletos de corpos que encontramos pelas ruas, a cada ronda noturna...O que tem de especial a garota?
 - Não lhe parece estranho? Essas putas devem ter inventado uma nova moda para atrair os seus clientes. Deve ter vindo da França, certamente. Como tantas outras bobagens que **os peregrinos trazem, juntamente com a sarna e a Peste** herética. (LEONI, 2009, p. 46-47).

Nesse diálogo, o autor situa o imaginário xenofóbico, recorrente desde esse período, de se atribuir a origem e a causa de todos os males a estrangeiros e desprovidos, inclusive a peste – historicamente associada a cavaleiros e peregrinos, em seu retorno de batalhas pela disputa contra mouros, da Terra Santa. Como também, a potente expressão de uma misoginia cultural, que reproduz-se no sexismo e na ideologia ortodoxa religiosa. Podemos perceber como interseccionam sentidos de classe/gênero nesse discurso, em

⁴Estupefação que, no século atual, causou-nos o ex-governador (Ivo Cassol, filiado ao Partido Progressista) do estado de Rondônia, norte do Brasil, ao sugerir que pessoas passem por fumaças e faíscas de solda, para desinfetar-se do novo coronavírus. (ver canal do UOL, no YouTube, em: <https://www.youtube.com/watch?v=whp7pl0z3dA>. Acesso em: 21/abril/2021).

⁵Bebida sagrada indígena que é resultante da combinação de videira *Banisteriopsis caapi* e outras ervas, especialmente, a *Psychotria viridis* e a *Diplopterys cabrerana*.

⁶Resumo da pesquisa em: <https://search.bvsalud.org/global-literature-on-novel-coronavirus-2019-ncov/resource/pt/covidwho-1040203>. Acesso em: 06/maio/2021.

aproximações com o chamado *câncer gay* (dos anos de 1980) e a sarna humana/escabiose (causada por um ácaro escavador - *Sarcoptes scabiei*).

A peste na Idade Mídia

O pós-guerra ocidental, a partir de 1945, é um marco divisor na conversão e processamento de altíssimas quantidades de dados. De bits a bytes, códigos binários (0 e 1) são formulados para trafegar em velocidades cada vez maiores, no processamento de informações (exemplo disso é a fibra ótica, em que a luz trafega entre 10^9 e 10^{10} bits por segundo, cerca de 40 Gbps - gigabits por segundo). Com isso, instaura-se a era midiática, em que tudo se converte em sequências binárias (áudio, imagem, texto). Assim, um presente decodificado, em rede, transitando valores, bens, serviços, ideias, influências, ciências, políticas, verdades (e pós-verdades).

Ambientes de interatividade, nos quais operam outras pestes contemporâneas, quanto: às informações tecnocientíficas de mercados liberais; ou, às facetas ideopolíticas que controlam a forma-conteúdo com que essas se validam, como fato, e se convertem em acontecimento, conforme pretendam as instituições socioculturais que as controlam. E, de tais *pestes*, interessou-nos a formação discursiva sobre essas últimas.

Do tempo presente, temos que:

[...] quando você decifra o genoma de supervírus letais, a brincadeira pode ficar perigosa. Para demonstrar o tamanho do perigo, um grupo de pesquisadores da Universidade de Nova York fez, em 2002, o seguinte experimento: ‘baixaram’ de uma base de dados de acesso livre o genoma completo do vírus da **poliomielite** e então, usando somente insumos que eles podiam comprar facilmente no mercado (como bases nitrogenadas usadas na composição do DNA, vendidas para uso em pesquisa), decidiram reconstruí-lo. Deu certo.

[...] com isso, até mesmo doenças que já foram debeladas pela humanidade, como a **varíola**, poderiam retornar da extinção. E o pior: podem voltar ainda mais agressivas; foi o que fizeram com a gripe, dois grupos de pesquisadores, na Holanda e nos Estados Unidos, de forma independente, no fim de 2011. Eles partiram do vírus H5N1, causador da famosa **gripe aviária** (...). Induzindo mutações em laboratório, os cientistas conseguiram produzir uma versão do H5N1 capaz de se espalhar com a mesma eficiência da **gripe convencional** – que infecta 700 milhões de pessoas no mundo por ano (...). O tema é tão polêmico que o governo americano pediu que o estudo não fosse publicado e a pesquisa fosse interrompida por 60 dias; o prazo expirou e os cientistas

voltaram ao trabalho. (NOGUEIRA, 2015, p. 226 – Cap. 7, de *Os Perigos do Amanhã*).

Anteriormente, tratávamos de ‘domínios de pensamento’, operando sobre sentidos difusos na produção de discursos. Com isso, refletimos sobre o que do avanço científico recai em formas de controle da natureza, afetando o conteúdo que impregna uma dada sociocultura. Controlar sequências genéticas de vírus, bactérias, células reprodutoras em animais, certamente, se associa a uma formação imaginária de dominação neoliberal, também, sobre corpos/mentes. A exemplo disso, podemos citar experimentos com inteligência artificial (IA) ou a produção de super-humanos (pela engenharia genética).

Entendemos que sequenciamentos genéticos, para a produção de vacinas (contra poliomielite, varíola, gripe aviária - H5N1, ou gripe A H1N1), ao tempo em que são um trabalho científico urgente para instituições de Estado e indústrias, na contenção de desastres sanitários, também, podem ter contornos de guerras biológicas, quando subvertem as intenções ideopolíticas sobre essa tecnologia (cf. MEŠTROVIĆ, 2018).

No sentido de outra subversão, vimos, em recente declaração à imprensa, o vice-governador do estado do Amazonas (Brasil), Carlos Almeida Filho (sem partido político), declarar que, sob pressões políticas do atual presidente da República brasileira (com mandato entre 2019-2022), aquele estado adotou o experimento de ‘imunidade de rebanho’, na pandemia da Covid-19, para que a população se expusesse ao máximo ao novo coronavírus. O resultado catastrófico, gerado por esse experimento ideopolítico – e o entendemos como variável de um ‘acontecimento no discurso’ –, desencadeou colapsos nos sistemas sanitário e de saúde, no qual: entre março e abril de 2020, deu-se a falta de leitos em hospitais e locais para enterrar cadáveres; e, no início de 2021, assomou-se à escassez no suprimento de oxigênio hospitalar. Agregando, além de tudo, a difusão de pós-verdades (na contramão de validações e consensos científicos globais), na defesa de medidas preventivas (o chamado *kit covid*), pela prescrição de associações farmacológicas, como: a *Hidroxicloroquina* (utilizada no tratamento de malária sensível à cloroquina, e também para: artrite reumatoide, lúpus eritematoso, porfiria cutânea tarda, febre Q e doenças fotossensíveis) e a *Ivermectina* (para infestações por piolho, sarna, oncocercose, strongiloidíase, tricuriase, ascaridíase e filariase linfática).

Farra da Covid-19. Expressão utilizada, ora para denunciar negacionistas do fato científico, minimizadores do estado de gravidade e dos milhares de óbitos, ora para quem tem empreendido no mercado desses óbitos (por: desvio, contrafação, extorsão,

superfaturamento, ágio). Quer por ilicitudes, praticadas por agentes públicos, contra legislações, na aquisição de insumos e de recursos para a saúde; quer pelas/os que superfaturam tais insumos e recursos; quer por aquelas/es que mascaram ou vetam a divulgação de estatísticas sobre a calamidade pública; ou, quer, ainda, pelas/os que empresariam a tragédia, por lucro e concentração. Assim, a *peste* atemporal cicla o caos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A *Idade Média* tem circulado pensamentos de (des) governantes e instituições globais, no intuito de negar, postergar ou minimizar a existência, a virulência e a gravidade de surtos epidêmicos e pandemias, por razões político-econômicas ou ideológicas, de viés genocida, eugenista e de supressão populacional (pelo lado dos *condenados da terra*, como nos diria Frantz Fanon), resguardando interesses aliados (e financistas). Tal como ocorreu, também, no contexto da *Idade Média*, pelo controle dos que dominavam a leitura e a escrita (homens brancos, nobres e religiosos).

Para isso, buscam desacreditar orientações, conhecimentos e pertinência de pesquisadores, médicos e autoridades sanitárias, perante a opinião pública; nestes casos, mobilizam grande desserviço às populações, e, muitas vezes, um crime político contra a humanidade, por impedir a adoção de medidas profiláticas eficientes e eficazes, em tempo hábil, para sustar ou reduzir o espectro de danos e sofrimentos derivados.

Com isso, o objetivo deste ensaio, fez-nos pesquisar sobre essas condições de produção, por fragmentos de textos/discursos que selecionamos, tanto na *Idade Média* quanto na *Idade Média*, como um mecanismo cíclico de produção do caos no seio de relações socioculturais. Estas que, dentro do viés de projeto neoliberal, importa à escola básica em sua tomada de posição, quanto à Educação em Ciências. Verdades e pós-verdades, como campos em disputa, pelas facetas da racialização do *Outro*, oprimindo-o, como forma de mantê-lo sob controle. No extremo, situam-se muitos, imbuídos de legítimas preocupações, relativas à defesa da vida das populações expostas a tais epidemias/pandemias, e zelosos na implementação de medidas que visam controlá-las. Porém, muitas vezes, suas intenções se chocam com os resultados de suas práticas, pois estas tendem a provocar a exclusão e a discriminação, pois impostas com violência e à revelia do conjunto da sociedade.

Neste rol, situam-se as séries de reformas urbanas no Brasil, no início do século XX (a exemplo de capitais brasileiras: Rio de Janeiro, Florianópolis, São Luís, Palmas), as quais, se efetivamente promoveram melhorias no cenário e nas condições sanitárias na área central destas cidades, mas também desencadearam o deslocamento massivo da população de baixa renda para longe dos centros urbanos. Estas, destituídas de moradia e trabalho, viram-se forçadas a ocupar áreas favelizadas, sem infraestrutura de acesso, transporte, educação, lazer ou saneamento, expondo-se, ainda mais, a riscos geológicos/meteorológicos (deslizamentos de terra e desabamentos nas áreas de encostas de montanhas) e epidêmicos/pandêmicos (pela vivência em áreas infestadas de ratos e mosquitos, entre matas montanhosas e manguezais das planícies).

Outra face do que podemos cunhar como fascismo epidêmico/pandêmico, inicialmente, tão dissimulada e aparentemente aleatória, encontra-se incrustada/adsorvida à essência malévola de seres com pensamento e linguagem protohumanos, ávidos pelo poder político-econômico, pelo qual sacrificam – extasiados – as populações que têm a infelicidade de compartilhar um mesmo espaço/tempo existencial. Messiânicos tempos, mercenários templos, prestam seu incondicional apoio à lobotomização planetária, na perspectiva de implantação de uma (*sic*) verdade e história únicas, em genuflexão à divindade mercadológica.

Dessa forma, revelamos, neste ensaio, nosso estado de transe sócio-institucional, pelos limites impostos à *res publica*, está interdita pela atual ideologia de vigilância e punição militaresca, contra fazeres e dizeres de cidadãs e cidadãos progressistas, em contrassenso na *mass media*. Algo próximo ao ocorrido no medievo, pela atuação ortodoxa e julgadora da igreja, pela mediocretinização das massas (isto é, a estratégia pragmática do Estado Midiático de converter a população em uma amálgama de seres totalmente medíocres e obtusos, e inteiramente cretinos, destituídos de valores e preceitos éticos). E tudo isso urge em ser confrontado pela Educação em Ciências, no árduo retrabalho que deve persistir entre professoras/es da escola básica.

Entre o medievo e o midiático, cabe a nós, estudantes, professoras/es e pesquisadoras/es em ciências, ponderarmos sobre sentidos de vida e de viver, que compreendemos no decurso do tempo, e na conformação do espaço. Vez em que, os atuais discursos sustentadores do mais novíssimo midiático se farão reconstituir, para

confrontarem seu novo algoz, outro presentificado medieval, em algum futuro pós-midiático.

REFERÊNCIAS

BASTOS, A. R. **Vigília do Almirante**. Trad.: Josely Vianna Baptista. Primeiro de Maio, Paraná: Mirabilia, [1992]:2003.

BISSIO, B. Islã medieval: o espaço teorizado e o espaço vivido. In: Simpósio Nacional de História: História e multidisciplinaridade: territórios e deslocamentos, 24., São Leopoldo, 15-20 jul. **Anais...** São Leopoldo, Brasil: Unisinos, 2007. Disponível em: <http://snh2007.anpuh.org/resources/content/anais/Beatriz%20Bissio.pdf>. Acesso em: 20 abr. 2021.

FREIRE, P.; GUIMARÃES, S. **Dialogando com a própria história**. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

HOURANI, A. **Uma história dos povos árabes**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
LEONI, G. **A Cruzada das Trevas**. Trad.: G. B. Grosso. São Paulo: Planeta do Brasil, 2009.

MEIRA, T. A. B. As ciências das crenças e as crenças nas ciências: simetrização e posicionamento etnográfico em uma pesquisa sobre seres ‘não-humanos’ no(s) candomblé(s). **REIA**, esp., v. 1, n. 3, 2016. p. 104-126. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/reia/article/view/229991>. Acesso em: 2 maio 2021.

MELVILLE, H. **Moby Dick**. Trad.: P. E. S. Ramos. São Paulo: Círculo do Livro, [1851]:1994.

MEŠTROVIĆ, T. Guerra biológica da varíola. **News Medical Life Sciences**. Disponível em: [https://www.news-medical.net/health/Smallpox-Biological-Warfare-\(Portuguese\).aspx](https://www.news-medical.net/health/Smallpox-Biological-Warfare-(Portuguese).aspx). Acesso em: 30 abr. 2021.

NOGUEIRA, S. Ciência proibida: as experiências científicas mais perigosas, assustadoras e cruéis já realizadas. In: GARATTONI, B. (ed.). **Super Interessante**, São Paulo, n. esp., abr. 2015.

ORLANDI, E. P. **Eu, tu, ele: discurso e real da história**. 2. ed. Campinas, SP: Pontes, 2017.

ORLANDI, E. P. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. 12. ed. Campinas, SP: Pontes, 2015.

PÊCHEUX, M. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. Trad.: Eni P. Orlandi et al. 5. ed. Campinas, SP: Unicamp, 2014.

QUIJANO, A. Colonialidad del poder, eurocentrismo y América Latina. In: LANDER, E. (comp.). **La colonialidad del saber: eurocentrismo y ciencias sociales: perspectivas latinoamericanas**. Buenos Aires: CLACSO, 2000. p. 122-146. (Col. Sur-Sur).

ROSA, K.; ALVES-BRITO, A.; PINHEIRO, B. C. S. Pós-verdade para quem? Fatos produzidos por uma ciência racista. **Cad. Bras. Ens. Física**, Florianópolis, v. 37, n. 3, 2020. p. 1440-1468. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/fisica/article/view/74989>. Acesso em: 14 abr. 2021.

SILVA, L. **A mais-valia ideológica**. Florianópolis, SC: Insular, 2017. (Col. Pátria Grande).

TAVARES, R. A epidemia do preconceito: a trajetória do HIV/AIDS no Brasil. **Empoderadxs**. Disponível em: <https://cutt.ly/NWqYTiS>. Acesso em: 14 abr. 2021.

COMO CITAR

DE-CARVALHO, R.; FERREIRA, W. A PESTE E O CÍCLICO RETORNO DO CAOS. **Revista Interdisciplinar Encontro das Ciências – RIEC**, v.5, n.2, 2022.